

# Cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do teatro romano de Lisboa

LÍDIA FERNANDES<sup>1</sup>  
VICTOR FILIPE<sup>2</sup>

## R E S U M O

Analisa-se, no presente trabalho, um conjunto composto por sessenta e dois fragmentos de cerâmica de engobe vermelho pompeiano, recolhido na intervenção arqueológica do teatro romano de Lisboa durante as campanhas aí levadas a cabo em 2001, 2005 e 2006. Esta intervenção implantou-se na zona a sul do teatro, concretamente por detrás do muro do *postcaenium*, estrutura exumada, de igual modo, nestas campanhas de escavação. Salienta-se a homogeneidade do conjunto, sendo de sublinhar o facto de, na íntegra, corresponderem a peças de importação produzidas na zona da Campânia.

## A B S T R A C T

This work analyses a whole set of sixty two Pompeian red ware fragments, collected in the archaeological works that took place in the Roman theatre in Lisbon, throughout several campaigns held in the monument in 2001, 2005 and 2006. This campaign located in the South of the theatre area, more specifically, behind the *postcaenium* wall, laid open the structure in the same way. Special reference deserves the homogeneity of the whole set, since it corresponds entirely to importation pieces produced in the region of *Campania*.

## 1. Introdução

Analisa-se no presente trabalho a colecção de cerâmicas de engobe vermelho pompeiano proveniente das intervenções arqueológicas realizadas no teatro romano de Lisboa durante as campanhas arqueológicas aí levadas a cabo nos anos de 2001, 2005 e 2006 e dirigidas por um dos signatários (L.F.).

O presente conjunto é composto por sessenta e duas peças, tratando-se, na maioria, de pequenos fragmentos, ainda que alguns de perfil completo. Destacam-se, quanto a estes últimos, duas peças de razoáveis dimensões que conservam uma grande porção da peça original (n.<sup>os</sup> inv. TRL/06/07; TRL/05/2267) (Figs. 9 e 10).

O conjunto em análise provém das campanhas arqueológicas que se efectuaram na área a sul do teatro romano, concretamente, na zona do *postcaenium*. As peças distribuíam-se por toda a área

intervencionada, com cerca de 300 m<sup>2</sup>, e ainda que uma percentagem significativa tenha surgido em níveis de épocas posteriores aos da edificação do teatro, um grande número foi exumado em contextos de época romana que se relacionam directamente com o monumento. Importa, a este respeito, sublinhar a homogeneidade do conjunto agora em análise, o que é sugerido pela cronologia e tipologia evidenciada, bem como pelos centros produtores que terão produzido tais exemplares.

Pretende-se, deste modo, a obtenção de dados que possam auxiliar na precisão de cronologias para campanhas de edificação e/ou remodelação do monumento, informações estas que podem ser rectificadas e calibradas pelos dados fornecidos por outros materiais cujo estudo se encontra em curso<sup>3</sup>. Por último, depara-se-nos de grande interesse a divulgação do presente conjunto, sobretudo tendo em conta o diminuto número de cerâmicas de engobe vermelho pompeiano actualmente conhecido no território nacional, visando-se, neste contexto, uma análise de certa forma mais abrangente sobre estas peças.

## 2. O teatro romano de Lisboa

A história da descoberta deste monumento, localizado a meia encosta da actual colina do Castelo de S. Jorge (freguesia da Sé e de Santiago, em Alfama) (Fig. 1), é sobejamente conhecida abstendo-nos, quanto a este aspecto, a uma descrição pormenorizada das etapas e vicissitudes da sua descoberta<sup>4</sup>.

Até 1991 as intervenções arqueológicas levadas a cabo no monumento centraram-se no seu interior, ou seja, nas áreas correspondentes à *orchestra*, *hyposcaenium*, *proscenium* e *aditus maximus* — zona intervencionada durante a década de 1960 — e, posteriormente, na parte Norte, coincidente com parte das bancadas — trabalhos efectuados de 1989 a 1991. A progressiva extensão da área intervencionada levantou, do ponto de vista de protecção dos vestígios, bem como do tratamento museográfico, inúmeros problemas. Assim, em 2001, a Câmara Municipal de Lisboa, através da criação do Museu do Teatro Romano, procurou criar infra-estruturas que unissem ruínas e espaço de exposição, visando uma compreensão global do edifício. Neste sentido, o novo projecto científico centrou a sua atenção na área a sul do teatro, local ocupado pela antiga casa do guarda do monumento, com o objectivo de a reabilitar e permitir a ligação ao novo Museu do Teatro Romano, situado a sul do espaço cénico (Fig. 2).

Neste âmbito, foram realizadas em 2001 as primeiras intervenções arqueológicas no núcleo designado por “casa do guarda” tendo sido detectada uma enorme estrutura de época romana, de orientação E/W, a qual foi interpretada como correspondente ao muro de sustentação da frente cénica. Curiosamente, a orientação da actual Rua de S. Mamede ao Caldas, bem como a implantação dos edifícios desta artéria, obedece à orientação dessa estrutura romana, constatando-se claramente que as preexistências arquitectónicas marcaram, em definitivo, a urbanística da cidade até à



Fig. 1 Localização do teatro romano de Lisboa.

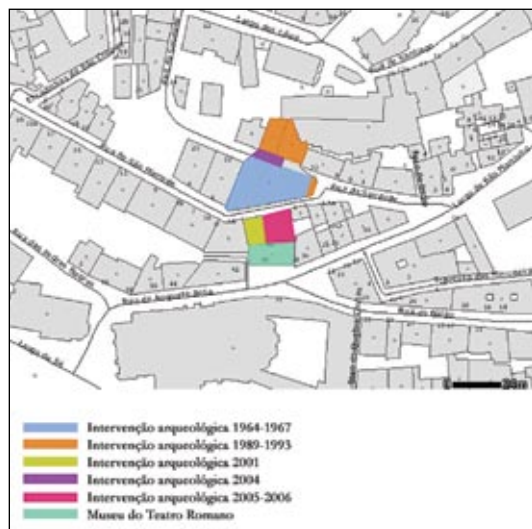


Fig. 2 Área do teatro romano de Lisboa, com indicação dos locais intervencionados arqueologicamente e respectivo cronograma.

actualidade (Fig. 2). Foram igualmente colocados a descoberto vestígios dos séculos XVI/XVII e XVIII relacionados com o antigo edifício do Celeiro da Mitra, antiga dependência do Cabido da Sé, muito afectado pelo terramoto de 1755 e que funcionou neste local até aos finais do século XVIII ou inícios do século XIX.

As campanhas de 2005 e 2006 incidiram na área anexa, onde se localiza o pátio do n.º 3 da Rua de S. Mamede ao Caldas (Fig. 2). Deu-se, deste modo, continuidade à escavação arqueológica iniciada em 2001, estabelecendo a conexão entre as duas áreas da intervenção (a de 2001 e a de 2005) através da demolição do alicerce da parede do século XIX que as separava. Importava essencialmente, para além da escavação integral de todo este espaço, colocar a descoberto a grande estrutura fundacional do teatro que se havia encontrado no decurso da escavação de 2001 e que a seguir analisaremos.

Ainda que a escavação da área de 2001 não se encontre concluída foi possível, através do prolongamento dos trabalhos para Este — acção levada a cabo entre 2005 e no ano seguinte —, tecer algumas considerações sobre esta estrutura. Esta edificação, surgida durante a primeira campanha, abrangia toda a parte Norte da área de escavação então disponível (Fig. 3), apresentando-se, na sua face Sul, revestida por rebocos esbranquiçados que escondiam a maior parte da sua superfície.

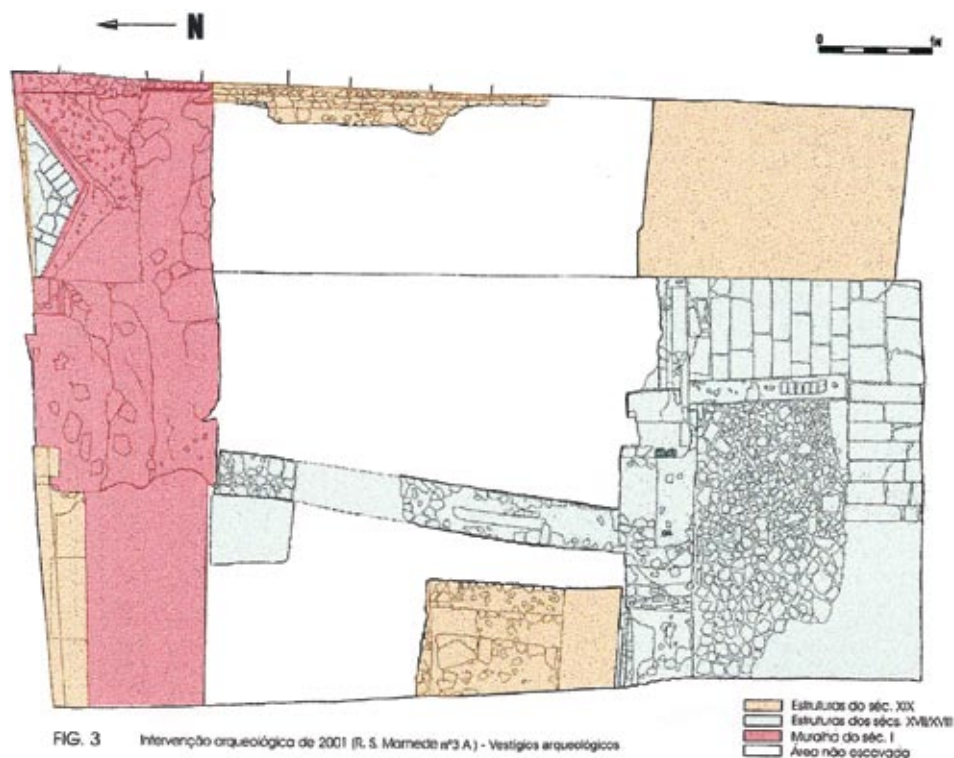


Fig. 3 Planta esquemática da área intervencionada em 2001, com indicação das várias estruturas exumadas.



Fig. 4 Troço do alçado do muro romano (*postcaenium*) detectado em 2001.



Fig. 5 Cunhal Este do muro romano (*postcaenium*) colocado a descoberto em 2005 e 2006.

Com efeito, esta estrutura foi profundamente alterada durante os séculos XVI e XVII, altura em que a edificação quinhentista, correspondente ao antigo “Celeiro da Mitra” aqui se instalou, aproveitando-a como parte da construção. Dessa ocupação datam os rebocos, argamassas, nichos e remendos feitos com pedras e fragmentos de tijolo. Com o intuito de se observar o sistema construtivo procedeu-se, numa área circunscrita, à remoção desses revestimentos. Foi possível, deste modo, observar a oeste pelo menos quatro fiadas de silhares de dimensões variáveis, apresentando o maior 1,30 m x 46 m. Estas fiadas apresentam-se dispostas alternadamente, como é habitual na edificação romana, em posição de “toga y tizón”<sup>5</sup> (Fig. 4). A coloração encarniçada de alguns dos elementos pétreos deve-se à acção do incêndio ocorrido em 1755, uma vez que a pedra utilizada é o vulgar calcarenito de coloração bege/amarelada que vemos empregar no interior do teatro romano, concretamente nas respectivas infra-estruturas que suportariam a *cavea* e, de igual modo, nos múltiplos elementos arquitectónicos decorativos<sup>6</sup>.

As campanhas de intervenção arqueológica implementadas em 2005 e 2006 tiveram como objectivo prolongar a exumação desta grande estrutura para Este, única área possível para a continuação da escavação<sup>7</sup>. Os trabalhos na zona do pátio possibilitaram a exumação daquele enorme muro, tendo-se atingido o seu limite na parte este (Fig. 5). Obtivemos, deste modo, uma extensão total de 20,70 m, sendo que 8,76 m haviam sido colocados a descoberto em 2001 e a parte restante exumada entre 2005 e 2006.

A face sul desta edificação<sup>8</sup>, a qual foi possível observar em 2001 e que acima descrevemos, apresenta, no seu prolongamento para Este, uma extensão considerável, não possuindo, à primeira vista, alterações estruturais e de superfície suscitadas por remodelações de épocas posteriores.



Deste modo, foi possível clarificar o tipo de sistema construtivo em presença. Trata-se de uma organização estrutural mista que alia o *opus quadratum*, em aparelho isódomo, com o *opus incertum*. Este último, corresponde, quase diríamos, a um enchimento da parte interna da estrutura a qual é reforçada, como viemos a constatar, por muros transversais que desempenham a função de “contrafortes”, sendo realizados em aparelho esquadriado. Convém referir que estes “contrafortes” apresentam uma largura mais ou menos constante de cerca de 1,50 m o que corresponde a cerca de 5 PR. No que respeita ao distanciamento que apresentam entre si, esta constância altera-se. Temos, assim, e de Oeste para Este, afastamentos de 22PR (6,60 m), 25PR (7,30 m) e, por último e até ao cunhal desta estrutura, 12PR ½ (3,70 m), medidas estas tomadas do eixo, num total de quatro “contrafortes” visíveis até ao momento.

Interiormente, esta construção é preenchida por *opus caementicium*, de características, de igual modo, muito similares às que se observam no interior do teatro, como se pode observar no muro Norte do *aditus maximus*<sup>9</sup>. A sua composição interna inclui fragmentos de pedra de dimensões médias a grandes, de calcarenito fossilífero de coloração bege amarelada, certamente um aproveitamento do desbaste do subsolo natural do local, levado a cabo aquando dos trabalhos preparatórios para a construção do teatro<sup>10</sup>. O ligante é uma argamassa grosseira, de igual coloração, com grande percentagem de areia de rio, sobretudo quartzítica. A estrutura é duma coesão absoluta, continuando a manter praticamente inalteradas as suas características de agregação. De realçar que não se detectam quaisquer fragmentos de cerâmica em nenhuma área em que é empregue este tipo de *opus*.

Este sistema construtivo é empregue, como referimos, no interior desta grande estrutura, sendo revestido exteriormente (face sul) pela fiada de silhares que acima descrevemos, nas áreas onde se implantam os designados “contrafortes”. Estes apresentam uma espessura que varia entre os 60 e os 80 cm<sup>11</sup>, enquanto que, no que respeita ao respectivo comprimento, a dimensão é sensivelmente constante, correspondendo a 1,50 m, como acima referimos<sup>12</sup>.

Podem-se indicar vários paralelos para este sistema construtivo que emprega simultaneamente o *opus caementicium* e a silharia regular. A este propósito, refere-nos Corzo Sánchez, relativamente ao teatro de Cádiz, que se trata de um sistema “...acorde com los sistemas republicanos más que com los imperiales” (Corzo Sánchez, 1993, p. 135).

No teatro romano de Cartagena, por exemplo, datado dos finais da época republicana ou dos inícios do século I d. C., encontramos precisamente este sistema que recorre ao uso generalizado do *opus caementicium* revestido a *opus quadratum* (Ramallo Asensio et al., 1993, p. 81), técnica que, segundo Luigi Crema, foi habitualmente utilizada na época de Sila e de Augusto ainda que empregue, excepcionalmente, até à época flávia (Crema, 1957, p. 314-317). Também no teatro de *Augusta Bilbilis* encontramos a utilização intensa do *opus caementicium*, sobretudo na elevação do muro do *postcaenium* o qual tinha a função de, juntamente com a *frons scaenae*, suportar a colina onde o teatro se implantou (Martín-Bueno e Núñez Marcén, 1993, p. 121). A edificação deste teatro, da época de Augusto ou dos inícios de Tibério, foi iniciada precisamente pela construção desta enorme estrutura, correspondendo a uma obra preparatória de terraplanagem da colina onde o monumento se implantou e o ponto de partida para a restante edificação do espaço cénico.

No que respeita à estrutura interna deste enorme muro do teatro de *Olisipo*, ela é igualmente realizada em *opus caementicium*. Neste mesmo sistema construtivo é realizado um outro muro, paralelo ao já referido e dele distanciada 1,60 m para norte (implantado imediatamente por baixo da actual fachada do edifício com frente para a Rua de S. Mamede ao Caldas) e conservado numa altura significativa. O espaço entre estes dois muros, encontra-se rebaixado, apresentando uma superfície homogénea, o que nos poderá indicar uma funcionalidade deste espaço como *parascenia* ou, mais provavelmente, como *skenotheke* (Fernandes, 2006, p. 188) (Fig. 6).

Se contabilizarmos a largura máxima do muro de orientação E/W (1,5 m) bem como a dimensão de 1,60 m da área rebaixada e se adicionarmos idêntico muro, de igual orientação E/W, que se localiza por baixo da fachada actual, de igual dimensão, obtemos uma largura total para a estrutura do *postcaenium* de 4,60 m, ou seja 15,60 PR.

Esta enorme construção delimita, a sul, o teatro romano. Tratar-se-á, deste modo, da estrutura tardoz onde encosta a frente cénica. Não obstante, continuamos sem saber o local de implantação da *frons scaenae*, o que nos impede de comprovar o modelo vitruviano, segundo o qual, aquela se localizaria tangencialmente à base do triângulo mais perto da cena, inscrito aquele na circunferência definidora da *orchestra* (Vitrúvio, Livro V, Cap. VI). No caso do teatro romano de Lisboa, o centro desta circunferência deverá localizar-se no eixo dos *aditus maximi*, ainda que o seu diâmetro deva incluir os degraus da *proedria*<sup>13</sup>. A verificar-se tal aspecto, apenas existirão duas fiadas paralelas de blocos de assentamento do *pulpitum* — as quais se encontram visíveis desde a escavação arqueológica de 1967 — uma vez que uma terceira fiada inviabilizaria a implantação da *frons scaenae* segundo o modelo vitruviano<sup>14</sup>. Ainda que tal aspecto não seja decisivo, uma vez que um maior ou menor afastamento a estes postulados é corrente<sup>15</sup>, pensamos que, para um teatro de dimensões médias, como terá sido o caso do de Lisboa, a profundidade de cerca de 5,8 m ou seja, praticamente 20 PR para o *pulpitum*, se enquadra nas dimensões prováveis que tal estrutura atingiria.

Atendendo a estes dados, restam cerca de 31 PR até à face Sul da muralha agora colocada a descoberto. Se a esta medida retirarmos a largura desta estrutura que deverá ser de 4,60 m, o que significa cerca de 15 PR, restarão 17 PR para a frente cénica (aproximadamente 5 m). Poderemos, com base nestas considerações, concluir que a largura desta muralha que suporta a frente cénica, ocupará metade da dimensão que vai do limite sul do teatro ao início do *pulpitum*.

Por outro lado, gostaríamos de chamar a atenção para o facto do comprimento total deste muro do *postcaenium*, com cerca de 40 m, ou seja, 135 PR, ultrapassar 1 *actus*, ainda que, como se trata de um edifício público e implantado numa zona de acentuados desníveis ser compreensível tal discrepância em relação à eventual ou possível centúriação que se aplicaria à cidade de *Olisipo*.

Com base nestes pressupostos e, com algumas alterações ao indicado por Theodor Hauschild no levantamento apresentado em 1990 (Beilage 2), onde projectava um prolongamento exagerado das estruturas do *proscenium* e *frons scaenae*, pensamos que este monumento não ultrapassará o n.º 7 dessa artéria<sup>16</sup>. Sabemos desde já, pelos trabalhos levados a cabo em 2001 no n.º 3 dessa rua — junto à parede de divisão entre os dois edifícios — que a muralha de sustentação da *frons scaenae* do teatro se prolonga pelo edifício contíguo (n.º 5). Tal facto é perfeitamente descortinável no alçado Este dessa parede sendo nítido o prolongamento da muralha romana. Curioso constatar a



Fig. 6 Estrutura do *postcaenium* do Teatro. Possível área destinada a *skenotheke*.

manutenção do traçado da rua e implantação das actuais fachadas, as quais se regem pela preexistência desta enorme construção que demarca o seu alinhamento e que a aproveitam como alicerçamento. Esta situação é explícita, aliás, na manutenção da orientação das estruturas dos séculos XVI/XVII e da primeira metade do século XVIII associadas ao Celeiro da Mitra, e das que se lhes sobrepuseram com a reconstrução da cidade depois do terramoto o que ocorreu, nesta área, já nos finais do século XVIII e inícios do século XIX.

### 3. Acerca das cerâmicas de engobe vermelho pompeiano

As cerâmicas de engobe vermelho pompeiano foram alvo de inúmeros estudos desde os inícios do século XX (Ritterling, 1901; Kruger, 1905; Loeschcke, 1909; Gose, 1950; Lamboglia, 1950; Vegas, 1964; Goudineau, 1970; Cavalieri Manasse, 1973; Peacock, 1977; Aguarod Otal, 1991). A excelente síntese acerca da história deste tipo de cerâmica feita por Aguarod Otal (1991) no seu trabalho “Cerámica romana importada de cocina en la Tarraconense” torna desnecessário repetir aqui aspectos já devidamente estudados e publicados.

Contudo, parece-nos pertinente referir que se trata, na sua generalidade, de formas baixas, pratos na sua grande maioria de amplo diâmetro, com a superfície interna revestida com um espesso engobe vermelho, sendo o exterior simplesmente alisado. É uma cerâmica destinada à utilização na cozinha, na preparação e confecção de alimentos, podendo igualmente ter sido empregue no serviço de mesa para conter ou servir alimentos sólidos (Arruda e Viegas, 2002).

As tampas terão sido utilizadas, ao que tudo indica, também como pratos. Aí se serviria o guisado, porquanto a pega, em forma de fundo, facilitava a sua utilização simultaneamente enquanto prato. Estas peças apresentam-se, invariavelmente, com um desgaste mais acentuado no interior do que no exterior (Aguarod, 1991).

A cerâmica de engobe vermelho pompeiano foi produzida em duas zonas distintas da Península Itálica, a Etrúria e a Campânia. Quanto à Etrúria, o início das produções remonta pelo menos a 220 a.C., tendo sido identificada em níveis de abandono em Bolsena (Goudineau, 1970) e perdura até finais da República. As produções da região campana substituíram as da Etrúria durante o século I a.C., passando a ser dominantes a partir de Augusto, vindo a sua produção a findar no último quartel do século I d.C., em 79, aquando da erupção do Vesúvio.

Estas cerâmicas foram imitadas em vários pontos do Império Romano (Espanha, França, Inglaterra, Flandres, Renânia), tendo sido igualmente identificadas no território actualmente português. Algumas destas imitações não se destinavam simplesmente a abastecer mercados locais ou regionais, tendo sido difundidas para pontos bem distantes do local de fabrico, como ficou demonstrado pelo trabalho de Peacock (1977) na identificação de produções da área de Lezoux e da Bélgica em território britânico.

As produções da Campânia estão presentes por toda a área do antigo Império Romano a partir de Augusto — Itália, França, Suíça, Áustria, Bélgica, Alemanha, Inglaterra, Espanha, Portugal, Grécia, Norte de África e Chipre (Aguarod, 1991, p. 55-57).

Relativamente às produções mais antigas, procedentes da Etrúria, estas parecem restringir-se às zonas mais precocemente romanizadas.

A difusão destas produções cerâmicas está directamente relacionada com a presença e influência exercida pelas legiões romanas junto das populações locais, fazendo parte do conjunto de cerâmicas utilizadas pelos militares romanos na confecção e preparação dos alimentos que integravam o seu regime alimentar quotidiano.

Em Portugal são poucos os estudos que se debruçam sobre este tipo de cerâmica. O artigo publicado por Ana Margarida Arruda e Catarina Viegas (2002) sobre os vermelhos pompeianos da Alcáçova de Santarém apresenta-se como o estudo mais completo sobre este tipo de cerâmica de produção itálica presente em território hoje português. As autoras analisam um conjunto bastante significativo de materiais, sendo, para já, a colecção numericamente mais expressiva estudada em Portugal. Em 2003, é igualmente publicado o estudo de um pequeno conjunto de cerâmicas de engobe vermelho pompeiano de Alcácer do Sal proveniente de achados isolados (Sepúlveda et al.).

No que diz respeito às imitações deste tipo de cerâmica, o estudo mais abrangente foi levado a cabo por Manuela Delgado em 1993. Neste trabalho a autora debruça-se sobre as imitações deste tipo de cerâmica encontradas em várias escavações na cidade de Braga e sua envolvente, tratando-se, em nossa opinião, de um estudo de referência.

As cerâmicas de engobe vermelho pompeiano surgem igualmente publicadas em Portugal em estudos um pouco mais genéricos, como acontece em Conímbriga (Alarcão, 1976; Alarcão et al., 1975; De Man, 2006), onde este tipo de material surge em número que se pode considerar pouco expressivo e onde estão presentes algumas peças de imitação, concretamente no *forum* de *Aeminium* (Carvalho, 1998), em São Cucufate (Pinto, 1999) e na Cidade das Rosas (Caeiro, 1978).

#### 4. Cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do teatro romano

##### 4.1 Contexto estratigráfico

Como anteriormente se referiu, os fragmentos aqui analisados provêm das campanhas de 2001, 2005 e 2006, tendo sido recolhidos em 33 camadas individualizadas. Os grandes revolvimentos registados na estratigrafia desta área do teatro, provocados por diversas e sucessivas construções e reconstruções de edifícios, perturbaram de uma forma bastante visível parte da estratigrafia correspondente às ocupações de época romana que aqui nos interessam. Tal facto sucedeu, essencialmente, na área abrangida pela intervenção arqueológica de 2001 (núcleo “Casa do guarda”) onde, até cerca de 12 m de profundidade, se exumaram estruturas dos séculos XVI/XVII relacionadas com o antigo Celeiro da Mitra, as quais foram grandemente afectadas pelo terramoto de 1755. Assim, registou-se o aparecimento de cerâmicas de engobe vermelho em camadas que se estendem cronologicamente até aos finais do século XVIII.

A intervenção arqueológica que se processou em 2005 e 2006 foi levada a cabo no pátio, local onde as estruturas de época moderna se localizavam a cotas significativamente mais altas. Atribuíveis ao Período Moderno são as camadas C2 da Vala 2; C9 da Vala 7; C15 e C15a da Vala 5; C12 da Vala 6; C7 da Vala 8; C3, C6, C6a, C7, C7a, C15, C18b e C20 da Vala 11. Destas camadas apenas a C9 da Vala 7 é posterior a 1755, sendo as restantes anteriores ao terramoto.

A camada C8 da Vala 7 situa-se no século XIV. Do Período Medieval são as camadas C2 e C2a da Vala 9, C2 da Vala 10, e C2 e C2a da Vala 11, camadas, aliás, equivalentes. Estas, correspondem a uma reposição de terras efectuada em período medieval que afectou maioritariamente níveis datáveis do século I d.C. Com efeito, a maioria dos materiais recolhidos nestas camadas insere-se cronologicamente numa faixa de tempo bastante circunscrita, atribuível àquele século, sendo que os de cronologia medieval adquirem um carácter quase residual.

Genericamente enquadráveis no século I d.C. são as camadas C6 e C8 da Vala 10, onde se recolheram respectivamente os fragmentos 2357 e 408, de forma indeterminada.



Balizadas entre finais do século I a.C. e a primeira metade do século I d.C. são as camadas C6, C9, C9b, C10, C17, C16, C15 e 15a da Vala 9, onde se recolheram fragmentos da forma 6 e 3 de Aguarod e de forma indeterminada.

#### 4.2. Caracterização do conjunto

##### Formas

O conjunto de cerâmicas de engobe vermelho pompeiano recolhido nas escavações do teatro romano de Lisboa soma um total de sessenta e dois fragmentos, correspondendo todos eles a produções da Campânia. Verifica-se a presença de três formas distintas de pratos, formas 4, 5 e 6 de Aguarod, e tampas de forma 3 de Aguarod (Celsa 80.8145). À semelhança do que acontece na maioria dos sítios<sup>17</sup> onde se regista a presença deste tipo de cerâmica, a forma mais representada é a forma 6 de Aguarod, equivalendo a 35% do total do conjunto.

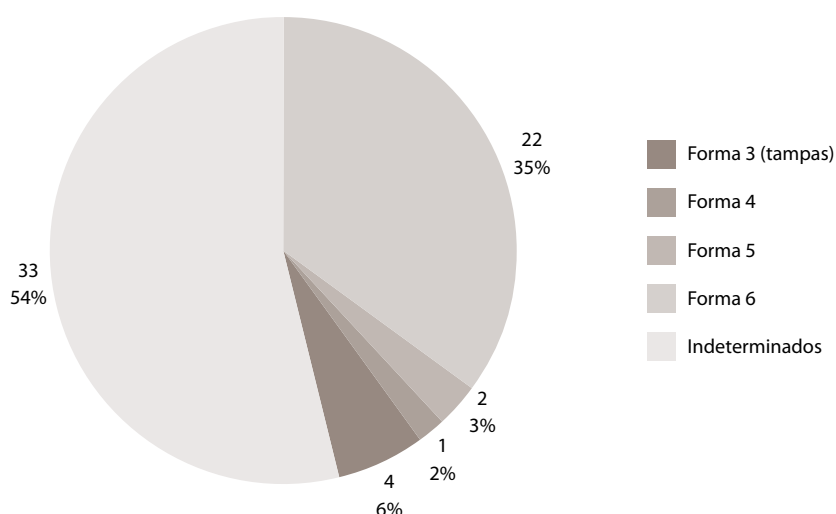


Gráfico 1 Distribuição das formas existentes.

Ao contrário do que acontece em Santarém (Arruda e Viegas, 2002), verifica-se aqui uma maior percentagem de materiais com marcas de fogo, contabilizando 60% do total do conjunto. Ainda assim, é significativo o conjunto de peças que não apresenta qualquer indício de contacto com fogo (40%), destinando-se muito provavelmente à preparação dos alimentos ou mesmo para servir à mesa.

Bastante interessante parece-nos o facto de se terem identificado, em cinco fragmentos de fundo, marcas de cortes na superfície interna realizados sobre o engobe, os quais interpretámos como tendo sido produzidos por faca. Aguarod faz referência ao mesmo fenómeno em materiais de *Bilbilis* (1991, p. 54). Estes cortes poderão ter sido feitos ao cortar-se a *patina* ali confeccionada. No entanto, e ao contrário do que acontece com os cortes identificados no engobe interno dos pratos de *Bilbilis*, que se apresentam em sentido radial, os presentes projectam-se em diferentes direcções cruzando-se aleatoriamente.

Não deixa de ser significativo o facto de não se presenciarem no teatro imitações de pratos de engobe vermelho pompeiano, novamente à semelhança do que acontece em Santarém. Este facto

depara-se-nos tanto mais evidente quando em comparação com a presença de imitações no restante território nacional, como sucede em Conímbriga, Braga e Alentejo, entre outros locais.

O facto de estas cerâmicas existirem em Lisboa e Santarém em quantidades não igualáveis em outros pontos do território nacional (face ao que está publicado), a par da inexistência de imitações, como já sublinhámos, indicia, no nosso ponto de vista, um maior e diferenciado incremento comercial com os produtos vindos da Península Itálica. Provavelmente a maior disponibilidade ou facilidade de aquisição destes produtos em Lisboa e Santarém, ocorrendo similar situação em outros centros costeiros, tornaria desnecessária a produção de imitações já que a sua aquisição seria relativamente usual.

O conjunto do teatro apresenta um dado até agora inédito nas colecções publicadas em Portugal: a existência de tampas de engobe vermelho pompeiano produzidas na Campânia. Identificaram-se quatro fragmentos de tampas, correspondentes à forma 3 de Aguarod (Celsa 80.8145). Estas formas não apresentam o típico engobe dito de vermelho pompeiano, exibindo apenas em dois dos fragmentos (TRL/05/2349 e TRL/06/581) uma aguada de cor vermelha (respectivamente, 10R 5/8 e 10R 5/4) no bordo.

### *Engobes e pastas*

O engobe destas cerâmicas apresenta as características típicas, sendo geralmente espesso, aderente e lustroso, podendo em alguns casos ser pouco aderente e baço, ou apresentar-se mal conservado e a destacar-se. De cor vermelha, pode variar entre 10R 4/6 e 10R 5/8. Este engobe cobre completamente a superfície interna dos pratos e parcialmente a superfície externa do bordo.

Quanto às produções, em todos os fragmentos se observam as características típicas das pastas da Campânia, com grandes quantidades de elementos negros de origem vulcânica, quartzos e presença de grãos ferruginosos, de hematites e micas, sendo normalmente compactas e de textura arenosa. A cor varia entre castanho-avermelhado (5YR 5/4) e castanho (7.5YR 5/4).

### *4.3. Tipologia*

Do conjunto de cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do teatro romano de Lisboa apenas se identificou um fragmento de bordo atribuível à forma 4 de Aguarod (Fig. 17), o que equivale a 2% do total do conjunto. Trata-se de um prato de amplo diâmetro (52,4 cm), de bordo desenvolvido e aplanado e de paredes levemente convexas, que corresponde ao grupo *b* das pastas descritas por Aguarod e atribuível, aparentemente, a uma produção tardia.

Esta forma foi produzida nos centros oleiros da Etrúria e da Campânia desde o final do século II a.C. até aos principados de Tibério e Cláudio. A sua difusão parece circunscrever-se às zonas meridionais do Império, Península Itálica, Península Ibérica, Sul da Gália e Norte de África, com a excepção do *limes* germânico, onde surge a partir do principado de Augusto (Loeschcke, 1942). Tendo-se popularizado sobretudo as produções da Campânia a partir do século I a.C., elas marcam presença na Tarraconense a partir do segundo quartel deste século (Aguarod, 1991).

Em Portugal, para além deste exemplar, esta forma foi identificada em Conímbriga (Alarcão, 1976; Alarcão et al., 1975), em Santarém (Arruda e Viegas, 2002) e em Alcácer do Sal (Sepúlveda et al., 2003).

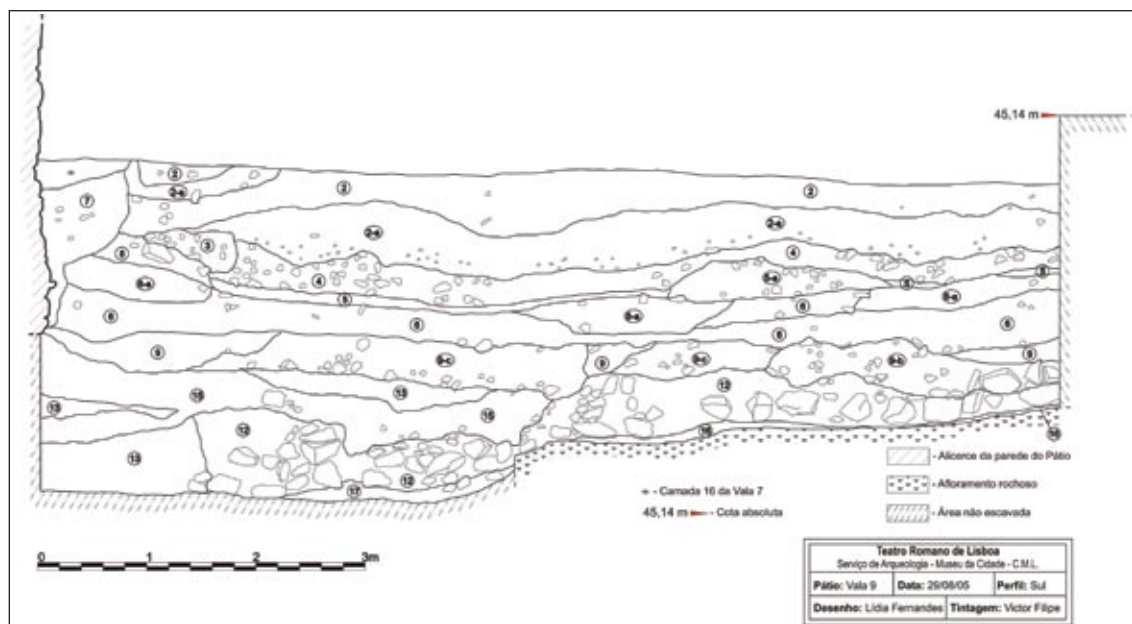


Fig. 7 Perfil estratigráfico da Vala 9 (área intervencionada em 2005).

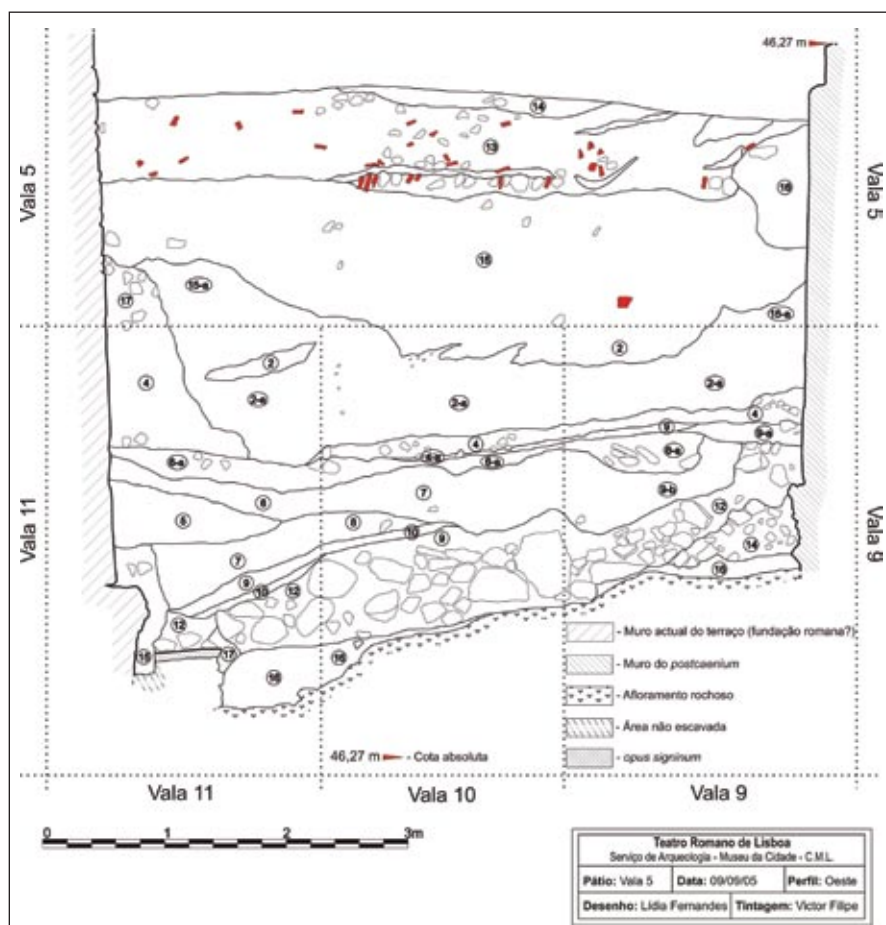


Fig. 8 Perfil estratigráfico da Vala 9/10/11 (área intervencionada em 2005 e 2006).

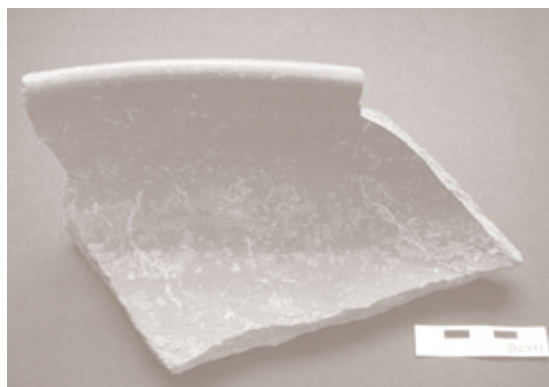


Fig. 9 Forma 6 de Aguarod (Luni 5) (n.º Inv. TRL/06/7).

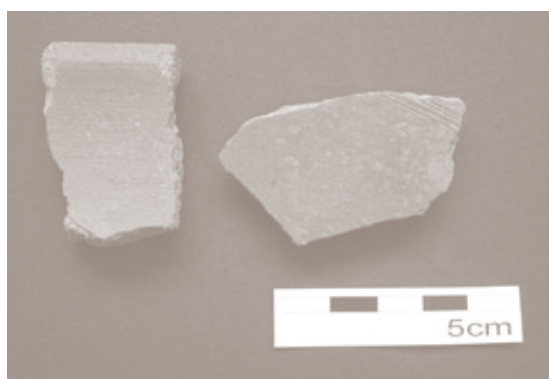


Fig. 11 Forma 6 de Aguarod (Luni 5) e forma indeterminada (TRL/05/2345 e 2346).

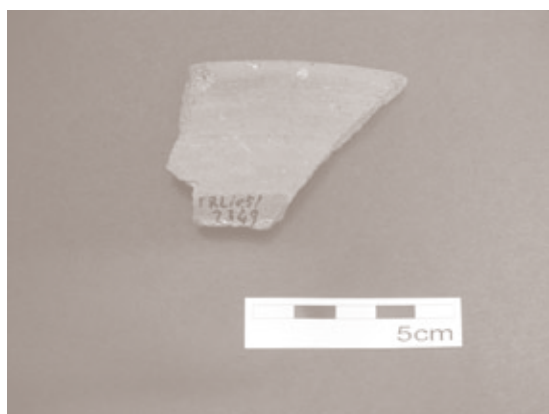


Fig. 13 Forma 3 de Aguarod (Celsa 80.8145) (TRL/05/2349).

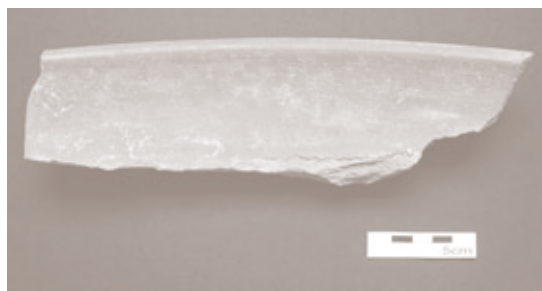


Fig. 10 Forma 6 de Aguarod (Luni 5) (n.º Inv. TRL/05/2267).

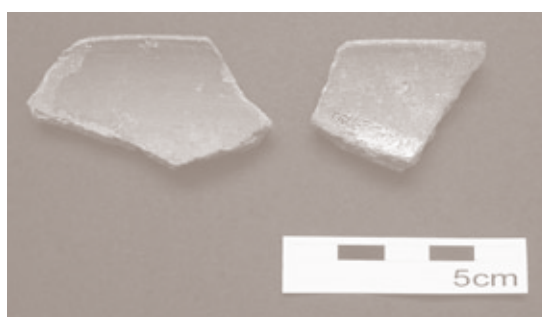


Fig. 12 Forma 5 de Aguarod (Luni 3) (TRL/01/2337 e 2338).

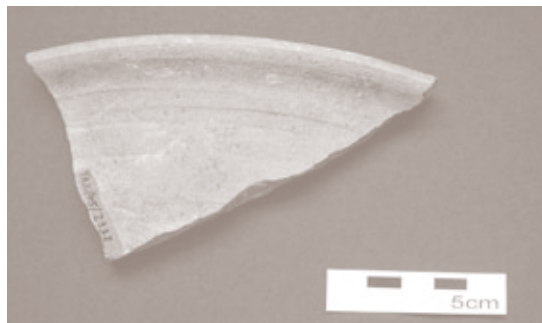


Fig. 14 Forma 3 de Aguarod (Celsa 80.8145) (TRL/05/2332.2333).

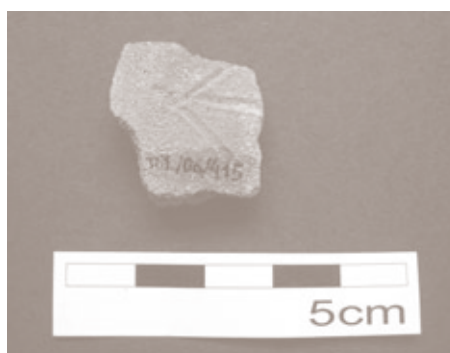


Fig. 15 Grafito efectuado com a pasta ainda fresca junto ao limite do fundo externo (TRL/06/415).

Da forma 5 de Aguarod identificaram-se dois fragmentos de bordo (Figs. 12 e 18), correspondendo a 3% do total do conjunto. Trata-se de pratos com paredes abertas que vão ficando mais delgadas à medida que se aproximam do bordo e apresentando um perfil pouco convexo. Possuem uma ligeira carena no fundo interno, junto à junção com a parede. O fundo é ligeiramente elevado no centro, apoiando-se unicamente na zona mais próxima do arranque da parede.

O diâmetro destas formas é variável, porém, são normalmente de pequenas ou médias dimensões. Os exemplares da Tarraconense estudados por Aguarod (1991) possuem entre 17,5 e 23 cm, e os do teatro romano de Lisboa 23,6 e 25 cm. O seu fabrico teve início no século I a.C. na Campânia, tendo alcançado a sua máxima difusão em época augustana.

A forma 5 de Aguarod está identificada na Península Itálica, Gália e Península Ibérica. Esta produção perdurou até meados do século I d.C. Em Portugal esta forma foi identificada em Conímbriga<sup>18</sup> (Alarcão, 1976; Alarcão et al., 1975) e em S. Cucufate<sup>19</sup> (Pinto, 1999).

A forma 6 de Aguarod é a mais representada no conjunto das cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do teatro romano de Lisboa, tendo sido identificados vinte e dois fragmentos de bordo (Figs. 9, 10, 11, 19, 20 e 21), o que corresponde a 35% do total do conjunto. O bordo é recto ou ligeiramente reentrante, podendo ser ligeiramente engrossado ou simplesmente arredondado. As paredes descrevem um perfil que pode ser mais ou menos convexo e um ângulo de abertura variável. O fundo é geralmente plano ou ligeiramente elevado no centro.

O diâmetro desta forma varia bastante, sendo conhecidos pratos de 13,7 cm (Aguarod, 1991) a 95 cm (Wynia, 1979). Os fragmentos aqui analisados variam entre os 15 e os 71,8 cm. Esta variação tão acentuada na dimensão de peças da mesma forma tipológica relaciona-se com a sua função e necessidades específicas dos seus utilizadores, não significando tal facto uma evolução tipológica no tempo (Aguarod, 1991). Trata-se de uma forma unicamente produzida na Campânia, a partir da época de Augusto e que perdura até ao final das produções campanas na última metade do século I d.C. É, provavelmente devido à cronologia do início da sua produção, a forma mais difundida pelo império, estando presente em vários sítios da Península Ibérica e Itálica, Norte de África, Gália, Suíça, Áustria, *limes* germânico, Britânia, Grécia e Chipre.

São conhecidos vários grafitos e marcas de oleiro realizados nesta forma tipológica. Normalmente efectuadas junto ao limite do fundo externo com a pasta ainda fresca, indicam o nome do oleiro ou proprietário da oficina, embora existam grafitos sobre estas mesmas formas em Pompeia (Aguarod, 1991) que não são compostos por letras mas sim por números e cujo significado está ainda por decifrar. Segundo Aguarod, ao orientar-se a peça de maneira a que se possam ler os grafitos, constata-se que estes se situam invariavelmente na parte superior da peça, junto ao limite do fundo externo. No único grafito que identificámos no conjunto das cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do Teatro romano de Lisboa (Figs. 15 e 23), constatamos que isso se verifica. Embora muito fragmentado, situa-se junto ao limite do fundo externo, pelo que nos é possível obter a sua orientação correcta. Infelizmente a sua leitura afigura-se impossível.

Em Portugal a forma 6 de Aguarod foi identificada em Conímbriga (Alarcão, 1976; Alarcão et al., 1975), em Coimbra (Carvalho, 1998), em Santarém (Arruda e Viegas, 2002) e em Alcácer do Sal (Sepúlveda et al., 2003).

Identificámos quatro bordos de tampas que atribuímos ao segundo grupo da forma 3 de Aguarod (Celsa 80.8145), o que corresponde a 6% do conjunto (Figs. 13, 14 e 16). Aguarod dividiu esta forma em dois grupos distintos: o primeiro é composto por peças de perfil completo; o segundo compõe-se de peças cujo perfil se encontra incompleto e nas quais não é possível verificar a existência de pega, embora ambos os grupos tenham o perfil do bordo e arranque da parede idêntico. São formas relativamente planas, com bordo arredondado, prolongado, ligeiramente



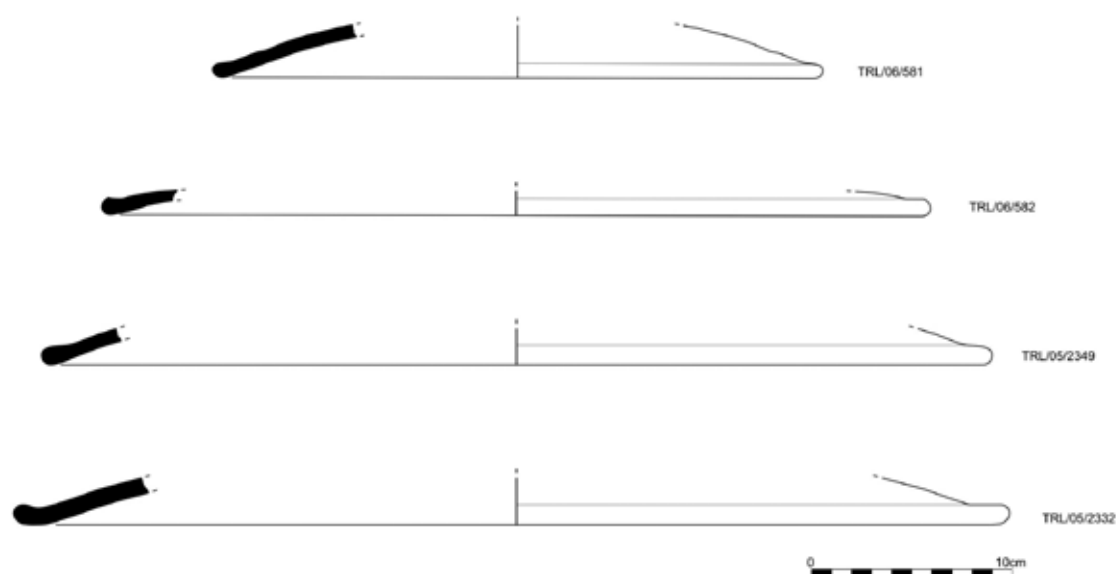


Fig. 16 Forma 3 de Aguard (Celsa 80.8145) – tampas.



Fig. 17 Forma 4 de Aguard (Luni 2/4).



Fig. 18 Forma 5 de Aguard (Luni 3).

engrossado e virado ao exterior. Ainda que nas quatro peças do teatro romano de Lisboa se conserve apenas o bordo e parte da parede, estas formas possuíam, na zona da pega, um pequeno ressalto em forma de anel, com a superfície interior ligeiramente abaulada.

Em nenhuma das peças se verifica a existência de marcas de fogo junto ao bordo, porém, nas peças n.º 2349 (Fig. 13) e n.º 581 observa-se que o bordo é coberto com uma aguada de cor vermelha, que se diferencia do resto da peça, e que se estende, no caso do exemplar n.º 2349, cerca de 1 cm na parte interna do bordo e 0,5 cm no lado externo do mesmo. No fragmento com o n.º inv.

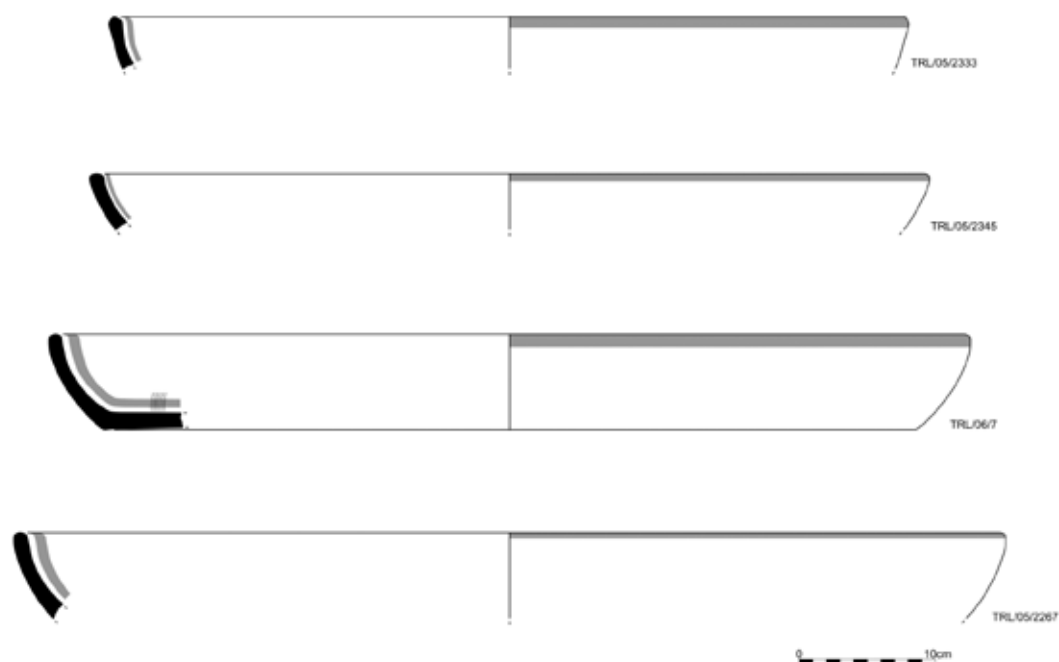


Fig. 19 Forma 6 de Aguarod (Luni 5).

581 essa aguada recobre cerca de 3,5 cm da face interna e 1,5 cm do lado oposto. Trata-se de uma característica técnica — designada por “borde ahumado” — apenas constatada em alguns exemplares e exclusiva dos fabricos da Campânia e a qual consiste “en una pigmentación de color gris oscuro — marrón ceniciento que cubre el borde de las mismas” (Aguarod, 1991, p. 114).

É certo que os nossos exemplares n.º 2349 e n.º 581 foram produzidos na Campânia e que possuem o bordo coberto por uma aguada, porém, a cor desta (vermelho — 10R 5/8 e 10R 5/4) difere da que nos é descrita por Aguarod. É igualmente observável um acentuado desgaste na zona em que a tampa se apoiava no bordo do prato n.º 2349, aspecto que certamente se ficará a dever à intensa utilização do mesmo.

Os diâmetros destas tampas, à imagem do que acontece com os pratos, são extremamente variáveis, estando documentadas na Tarraconense dimensões que oscilam entre os 18,4 e os 56,8 cm (Aguarod, 1991). As que aqui se analisam oferecem dimensões que variam entre os 30 e os 47,2 cm.

Embora também tenham sido produzidas na Etrúria, estas formas são bastante mais comuns no segundo grupo de pastas descritas por Aguarod (1991), ou seja, as produzidas na Campânia desde meados do século I a.C. até à primeira metade do século I d.C.

São, de igual modo, conhecidas tampas da forma 3 de Aguarod na Tarraconense, no Sul da Gália e no *limes* germânico — em Haltern e Oberaden — (Aguarod, 1991, mapa 33). A escassa ou mesmo inexistente presença de tampas desta e de outras formas em sítios arqueológicos em que são conhecidos pratos de engobe vermelho pompeiano parece estar mais relacionada com o estado muito fragmentado destas peças e respectiva dificuldade na sua identificação (já que, embora sejam produzidas na mesma pasta que os pratos, não possuem o típico engobe que é aplicado naqueles), do que propriamente com uma real ausência das mesmas.

Ainda segundo Aguarod, esta forma destinava-se a tapar pratos que correspondem às formas 4, 5, 6, 7 e 8, três das quais estão presentes no conjunto agora em estudo.

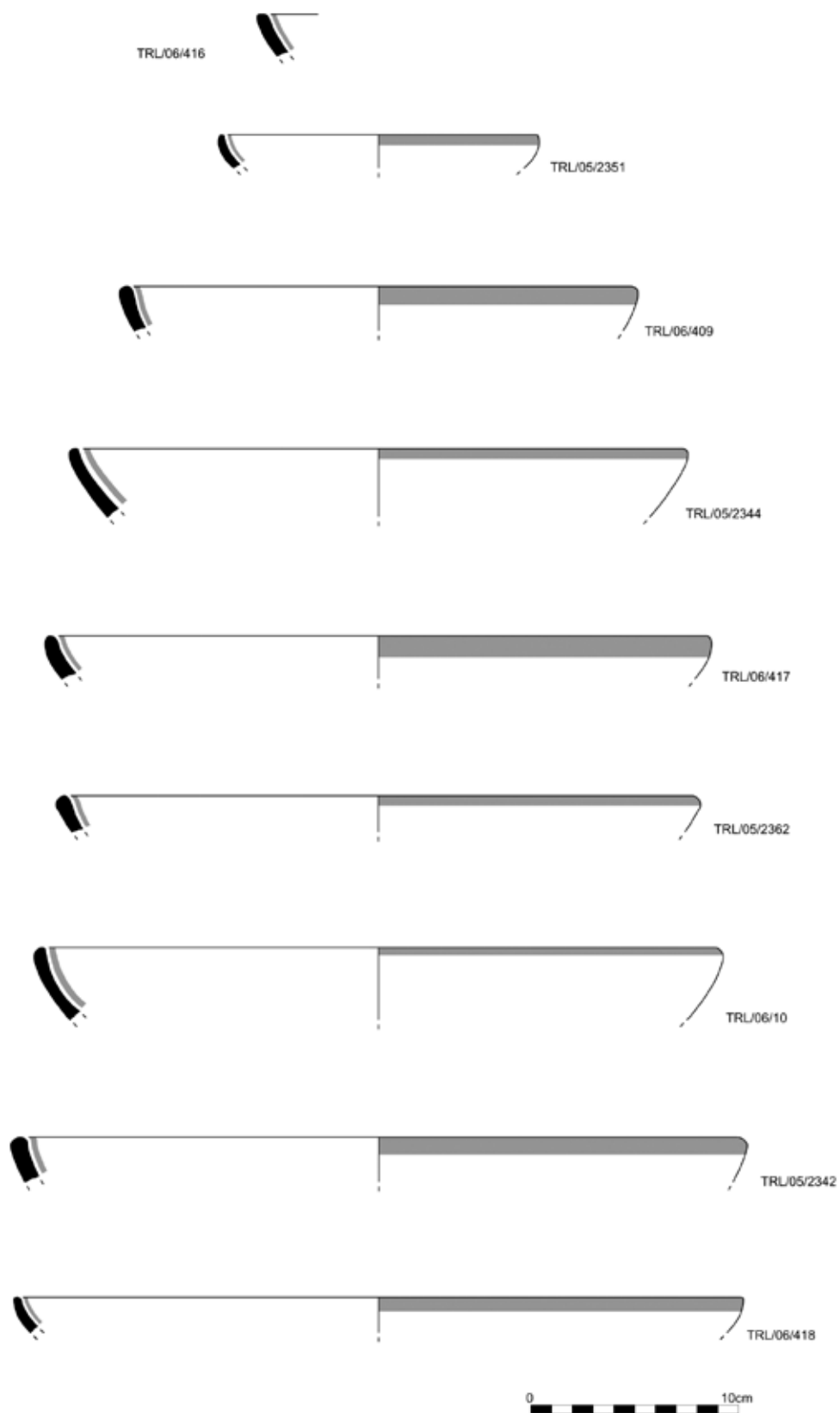


Fig. 20 Forma 6 de Aguard (Luni 5).

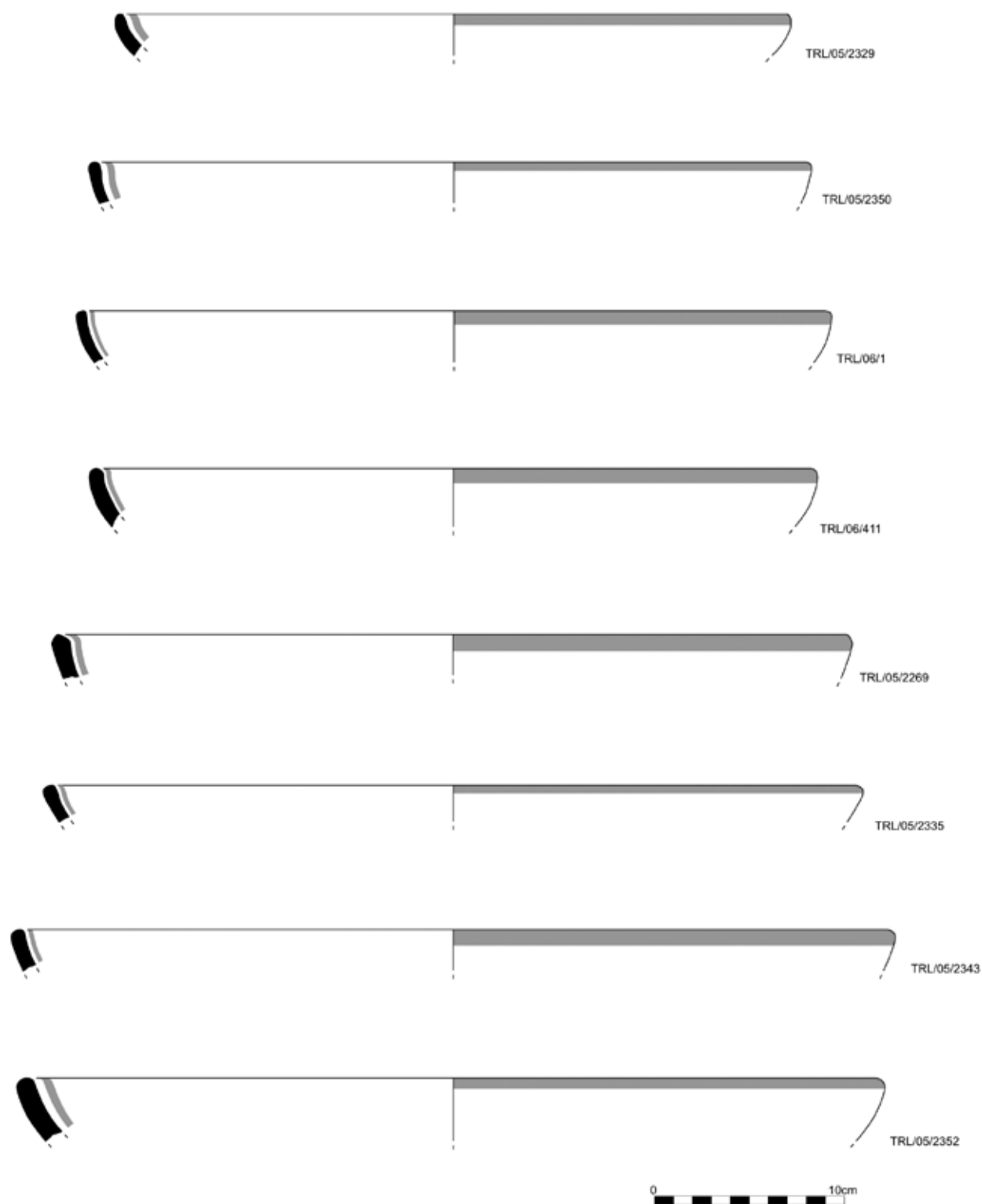


Fig. 21 Forma 6 de Aguard (Luni 5).

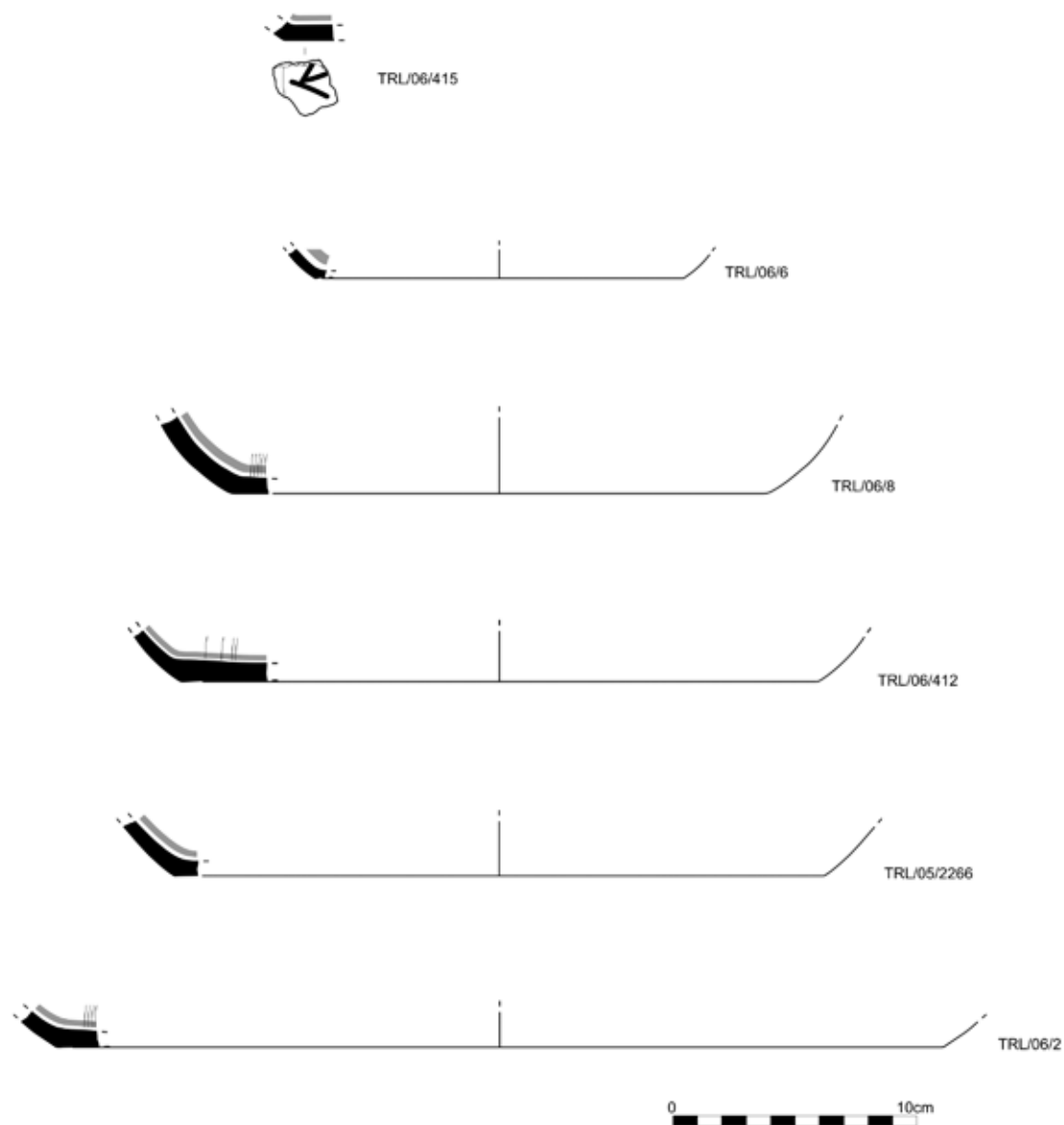


Fig. 22 Forma 6 de Aguarod (415)? Formas indeterminadas (6, 8, 412, 2266 e 2).

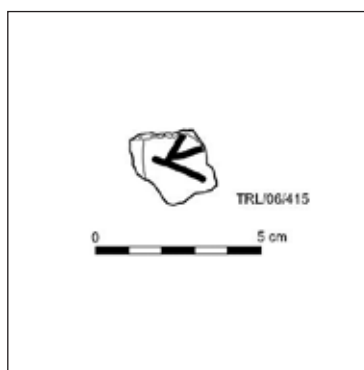


Fig. 23 Grafito efectuado com a pasta ainda fresca junto ao limite do fundo externo.



## 5. Considerações finais

A cronologia apontada para a construção do teatro romano de Lisboa, inícios do século I d.C., e a sua remodelação em meados do mesmo século<sup>20</sup>, corresponde, temporalmente, ao auge das importações de cerâmica de engobe vermelho pompeiano vindas da região da Campânia. Com efeito, as tipologias aqui identificadas conheceram nesse período uma maior dispersão por todo o império romano, sendo compreensível a presença deste tipo de peças no teatro romano em quantidades que se podem considerar razoáveis.

Relativamente às formas identificadas, estas são, de uma forma geral, comuns nos restantes sítios arqueológicos portugueses onde são reconhecidos engobes vermelhos pompeianos. O que nos parece de realçar no conjunto do teatro é o facto de estarem reunidas todas as formas anteriormente identificadas em Portugal, com excepção de pratos da forma 3 de Aguarod, presente em níveis republicanos da Alcáçova de Santarém (Arruda e Viegas, 2002), bem como a presença de tampas — Celsa 80.8145 (Aguarod forma 3 para este tipo de peças). De facto, nos conjuntos conhecidos em Portugal verifica-se a inexistência de tampas nesta cerâmica, constituindo-se como únicas em Portugal as que aqui se apresentam. Tal poderá encontrar explicação na dificuldade em identificá-las, como anteriormente referimos, já que, embora sejam produzidas na mesma pasta que os pratos, não possuem o típico engobe que àqueles é aplicado, bem como no estado muito fragmentado em que estas peças geralmente se encontram (Aguarod, 1991). Muito provavelmente a quantidade de tampas seria também inferior à dos pratos.

Embora existam no teatro de Lisboa inúmeros materiais de cronologia republicana, não podemos, de momento, concluir por níveis de ocupação indiscutivelmente atribuíveis a esse período, o que poderia, eventualmente, explicar a ausência da forma 3 de Aguarod. As conclusões a apresentar sobre esta questão terão que aguardar por uma análise detalhada de todo o espólio cerâmico, sobretudo o exumado nas duas últimas campanhas o que, de momento, não foi possível realizar. Contudo, se atendermos ao facto das cidades de *Scallabis* e *Olisipo* se situarem no mesmo âmbito geográfico, bordejadas pelo Tejo e integradas nos mesmos circuitos comerciais, cremos que as produções e formas que chegaram a um sítio terão, muito provavelmente, alcançado o outro. Somente o aparecimento e estudo de mais materiais de idêntica cronologia em Lisboa poderão auxiliar no esclarecimento de tal questão.

Evidente também parece ser a relação entre estas duas cidades no que toca à inexistência de produções locais ou regionais que imitam este tipo de cerâmica. Relembremos que as imitações de pratos de engobe vermelho pompeiano são uma constante em todos os sítios nacionais onde foram identificados, constituindo, por vezes, os únicos espécimes identificados. Tal parece estar relacionado com a elevada capacidade económica dos habitantes de *Scallabis* e de *Olisipo*, aliado à privilegiada situação geográfica e estatuto jurídico (Arruda e Viegas, 2002).

Embora quantitativamente pouco expressivo quando comparado com o volume de materiais cerâmicos recolhidos nas campanhas de 2001, 2005 e 2006, especialmente se tivermos em conta a elevada percentagem de cerâmicas importadas da Península Itálica e de outros pontos do Império, o conjunto de cerâmicas de engobe vermelho pompeiano agora em análise pode, ainda assim, ser considerado significativo. Tratando-se de cerâmica comum, é natural que a sua exportação não alcançasse a profusão e a quantidade com que surgem outros materiais, como acontece com as cerâmicas campanienses e a *terra sigillata*. No que se refere a estas últimas, a quantidade de peças itálicas datáveis dos inícios do século I, corroboram, de igual modo, a cronologia agora proposta para as cerâmicas de engobe vermelho pompeiano, o mesmo acontecendo com outros materiais, como é o caso das lucernas e cerâmicas de paredes finas<sup>21</sup>.

Importa igualmente realçar que o espólio proveniente das intervenções arqueológicas realizadas a sul do teatro — isto é, as levadas a cabo entre 2001, 2005 e 2006 (sobretudo estas duas últimas campanhas) e que se operaram na parte do *postcaenium* — contrasta nitidamente, em termos cronológicos, com as peças exumadas no interior do monumento, provenientes das escavações aí efectuadas entre 1964 e 1993. Neste último caso, dos poucos materiais que até ao momento foram publicados, salientamos as lucernas, as quais se distribuem cronologicamente por um espectro acentuadamente amplo, abrangendo todo o período entre a segunda metade do século I e a sexta centúria (Diogo e Sepúlveda, 2000, p. 153-161). Tal facto pode, igualmente, ser constatado no que se refere à origem dos respectivos fabricos, ressaltando as produções e imitações locais.

A grande diferença que se estabelece em relação a idênticos materiais exumados na parte sul do teatro, ou seja, já fora do espaço cénico, mas correspondendo a uma área pertencente ao edifício, refere-se ao facto de todos eles se enquadrarem numa baliza cronológica que dificilmente ultrapassará os meados da primeira centúria, ainda que, pensamos, seja possível precisar com mais algum detalhe, futuramente, este âmbito cronológico. Este facto revela-se-nos importante no que respeita a aspectos fundacionais do monumento e ilustra-nos, de igual modo, uma ocupação diferenciada destas duas áreas: o interior e a parte sul do monumento. No primeiro caso, a intensa ocupação que o edifício sofreu ao longo dos séculos revela-se em materiais que acompanham tal diacronia provindo, muitos deles, de contextos modernos e contemporâneos. Ao invés, na zona tardoz do *postcaenium* observa-se que, a partir de certa cota, as camadas evidenciadas — ainda que as possamos considerar, de forma simplista, como de aterro levado a cabo em época romana — ficaram seladas durante todo o período de vivência do edifício público, tendo a ocupação posterior dessa área apenas afectado os estratos superiores.

No que se refere à área do *postcaenium*, as últimas investigações levam-nos a concluir por uma ocupação antrópica anterior ao monumento cénico. Tais contextos terão sido profundamente alterados com a construção do teatro, explicando-se, neste âmbito, a enorme quantidade de peças exumadas da Idade do Ferro que surgiram, na sua maior parte, em deposição secundária<sup>22</sup>. A ocupação posterior desta área, a operada já em época medieval e moderna terá ocorrido bastante tardiamente e sem afectar alguns dos níveis anteriores, aspecto que contrasta claramente com o interior do teatro, onde, quase sem interrupção, se assiste a uma ocupação intensa e sucessiva do mesmo.

Deste modo, e ainda que muitas das peças que agora se estudam, provenham de estratos que se podem relacionar com ocupações de época posterior, sublinhamos que nos deparamos perante uma percentagem significativa de exemplares que se incluem em contextos coevos da edificação do monumento romano.

N.º Inv.	Forma (Aguarod)	Fragmento	Contexto (vala/camada/ano)	Diâmetro (cm)	Produção/Pasta	Engobe	Observações
2266	Indeterminada	Fundo/parede	V.7/C.8/2005	26,6	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
2267	Forma 6	Bordo	V.9/C.9/2005	71,8	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
2269	Forma 6	Bordo	V.8/C.7/2005	41,4	Campânia	Típico	–
2329	Forma 6	Bordo	V.6/C.12/2005	35	Campânia	Típico	–
2330	Indeterminada	Fundo	V.10/C.2/2005	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. Apresenta uma aguada de cor vermelha
2331	Indeterminada	Fundo	V.5/C.15a/2005	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
2332	Forma 3 (Celsa 80.8145)	Bordo (tampa)	V.7/C.9/2005	47,2	Campânia	–	Não apresenta qualquer tipo de engobe ou aguada
2333	Forma 6	Bordo	V.10/C.2/2005	57,8	Campânia	Típico	–
2334	Indeterminada	Fundo	V.6/C.12/2005	–	Campânia	Típico	–
2335	Forma 6	Bordo	V.9/C.15a/2005	41,2	Campânia	Típico	–
2336	Forma 6	Bordo	V.9/C.6/2005	?	Campânia	Típico	–
56	Forma 5	Bordo	V.2/C.2/2001	23,6	Campânia	Típico	–
224	Forma 5	Bordo	V.2/C.2/2001	25	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
2339	Forma 4	Bordo	V.7/C.9/2005	52,4	Campânia	Típico	–
2340	Indeterminada	Fundo	V.7/C.9/2005	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
2341	Indeterminada	Fundo	V.9/C.17/2005	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. 9 linhas concêntricas no fundo interno. Marcas de cortes de faca
2342	Forma 6	Bordo	V.9/C.16/2005	35,4	Campânia	Típico	–
2343	Forma 6	Bordo	V.9/C.9/2005	45,6	Campânia	Típico	–
2344	Forma 6	Bordo	V.5/C.15a/2005	29	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
2345	Forma 6	Bordo	V.5/C.15/2005	67,8	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
2346	Indeterminada	Fundo	V.5/C.15/2005	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. 6 linhas concêntricas no fundo interno.
2347	Indeterminada	Fundo	V.5/C.15/2005	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
2348	Indeterminada	Fundo	V.5/C.15/2005	–	Campânia	Típico	Marcas de cortes de faca
2349	Forma 3 (Celsa 80.8145)	Bordo (tampa)	V.9/C.9b/2005	46,2	Campânia	–	Aguada de cor vermelha
2350	Forma 6	Bordo	V.9/C.9b/2005	37	Campânia	Típico	–
2351	Forma 6	Bordo	V.10/C.2a/2005	15	Campânia	Típico	–
2352	Forma 6	Bordo	V.7/C.9/2005	44,4	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
2353	Indeterminada	Fundo	V.8/C.7/2005	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. 10 linhas concêntricas no fundo interno
2354	Indeterminada	Fundo/parede	V.9/C.7/2005	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. 8 linhas concêntricas no fundo interno.
2355	Indeterminada	Fundo	V.9/C.2a/2005	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. Marcas de cortes de faca
2356	Indeterminada	Fundo	V.9/C.6/2005	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. 7 linhas concêntricas no fundo interno. Marcas de cortes de faca
2357	Indeterminada	Fundo/parede	V.10/C.6/2005	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
2358	Indeterminada	Fundo	V.9/C.2/2005	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
2359	Indeterminada	Fundo	V.9/C.2/2005	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. 2 linhas concêntricas no fundo interno. Marcas de cortes de faca

<i>N.º Inv.</i>	<i>Forma (Aguarod)</i>	<i>Fragmento</i>	<i>Contexto (vala/camada/ano)</i>	<i>Diâmetro (cm)</i>	<i>Produção/Pasta</i>	<i>Engobe</i>	<i>Observações</i>
2360	Indeterminada	Fundo	V.9/C.2/2005	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. 6 linhas concêntricas no fundo interno.
2361	Indeterminada	Fundo	V.9/C.15/2005	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. 6 linhas concêntricas no fundo interno.
2362	Forma 6	Bordo	V.9/C.9b/2005	30,2	Campânia	Típico	–
2363	Indeterminada	Fundo	V.9/C.10/2005	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. 6 linhas concêntricas no fundo interno.
1	Forma 6	Bordo	V.11/C.2a/2006	38	Campânia	Típico	–
2	Indeterminada	Fundo/ parede	V.11/C.2a/2006	36,4	Campânia	Típico	4 linhas concêntricas no fundo interno.
3	Indeterminada	Fundo	V.11/C.2a/2006	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. 5 linhas concêntricas no fundo interno.
4	Indeterminada	Fundo	V.11/C.2a/2006	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. 8 linhas concêntricas no fundo interno.
5	Indeterminada	Parede	V.11/C.2a/2006	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida.
6	Indeterminada	Fundo/ parede	V.11/C.2a/2006	15	Campânia	Típico	–
7	Forma 6	Bordo/ parede/ fundo	V.11/C.2a/2006	61,4	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. 8 linhas concêntricas no fundo interno.
8	Indeterminada	Fundo	V.11/C.3/2006	21,8	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. 5 linhas concêntricas no fundo interno.
10	Forma 6	Bordo	V.11/C.3/2006	31	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
408	Indeterminada	Parede	V.10/C.8/2006	–	Campânia	Típico	–
409	Forma 6	Bordo	V.11/C.2/2006	24	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
410	Indeterminada	Fundo	V.11/C.6/2006	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. 4 linhas concêntricas no fundo interno. Marcas de cortes de faca
411	Forma 6	Bordo	V.11/C.6a/2006	37,6	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
412	Indeterminada	Fundo/ parede	V.11/C.7/2006	26	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. 4 linhas concêntricas no fundo interno.
413	Indeterminada	Fundo	V.11/C.7a/2006	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
414	Indeterminada	Fundo	V.11/C.7a/2006	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
415	Indeterminada (Forma 6?)	Fundo	V.11/C.7a/2006	?	Campânia	Típico	Um grafito no fundo externo
416	Forma 6	Bordo	V.11/C.15/2006	?	Campânia	Típico	–
417	Forma 6	Bordo	V.11/C.15/2006	31,2	Campânia	Típico	–
418	Forma 6	Bordo	V.11/C.15/2006	34,8	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
419	Indeterminada	Parede	V.11/C.18b/2006	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida
420	Indeterminada	Fundo	V.11/C.20/2006	–	Campânia	Típico	Superfície externa enegrecida. 8 linhas concêntricas no fundo interno.
581	Forma 3 (Celsa 80.8145)	Bordo (tampa)	V.11/C.21/2006	30	Campânia	–	Aguada de cor vermelha
582	Forma 3 (Celsa 80.8145)	Bordo (tampa)	V.11/C.2a/2006	41	Campânia	–	Não apresenta qualquer tipo de engobe ou aguada

## NOTAS

- <sup>1</sup> Arqueóloga do Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade – Divisão de Museus e Palácios (Câmara Municipal de Lisboa, Direcção Municipal de Cultura, Departamento de Património Cultural). Mestre em História de Arte. Coordenadora científica da intervenção arqueológica do teatro romano de Lisboa.
- <sup>2</sup> Arqueólogo, colaborador da equipa de investigação do Teatro Romano de Lisboa.
- <sup>3</sup> Destacamos o trabalho que temos vindo a desenvolver sobre as cerâmicas finas do teatro romano (*terra sigillata*, lucernas e paredes finas), levado a cabo por um dos signatários (L.F.) e por Eurico Sepúlveda, bem como o estudo do material ânforico (em preparação por Victor Filipe). Paralelamente, realçamos o estudo dos elementos arquitectónicos e decorativos do monumento, do qual alguns dados já foram divulgados (Fernandes, 1997, 2001). Outros trabalhos têm vindo a ser realizados mas versando espólios de distintos horizontes cronológicos. A este título destacamos o estudo que vem sendo desenvolvido sobre peças da Idade do Ferro, onde colaboram, para além dos presentes autores, Marco Calado e João Pimenta, assim como a investigação desenvolvida sobre um conjunto cerâmico datável do século XIV (Fernandes, Marques e Torres, em publicação na Revista *Arqueologia Medieval*). Por último, não poderemos deixar de mencionar a investigação que tem vindo a ser realizada sobre o espaço identificado como o antigo Celeiro da Mitra, edificação quinhentista que adossou ao muro do *postcaenium* do Teatro romano, e levada a cabo por Lídia Fernandes e Rita Frago de Almeida.
- <sup>4</sup> Cf. quanto a este aspecto: Azevedo, 1815; Almeida, 1966, p. 561-571; Moita, 1970, p. 7-37; Hauschild, 1990, p. 348-392; Fernandes, 2006, p. 181-204.
- <sup>5</sup> Seguindo a terminologia aplicada por Ramallo Asensio (1993, p. 62).
- <sup>6</sup> Como acontece com os fustes, bases e capitéis, que seriam revestidos a estuque.
- <sup>7</sup> No lado contrário, ou seja, para Oeste, esta acção encontra-se inviabilizada pela existência de edifícios de habitação que não pertencem à Câmara Municipal de Lisboa.
- <sup>8</sup> A única visível pois a face Norte encontra-se por baixo da actual Rua de S. Mamede ao Caldas.
- <sup>9</sup> No arranque inferior do pilar Norte do único *aditus* visível (lado Este) é claramente perceptível este aparelho e o tipo de constituição interna, tendo sido utilizado quer como o preenchimento das áreas onde não existia afloramento rochoso, quer na elevação do pilar de descarga da abóbada a qual seria, provavelmente, realizada em silhares. De realçar o contraste entre a técnica agora enunciada, com a que vemos empregue no pilar sul da mesma entrada. Nesse lado e na ausência de rocha base, o pilar sul é integralmente formado por silhares os quais apresentam, nas faces exteriores, um tratamento da superfície em bossagem, também designado “aparelho almofadado”.
- <sup>10</sup> Com efeito, a parte central do teatro, correspondente à *orchestra* e parte inferior da *imma cavea*, foi encaixada no solo base através do respectivo rebaixamento ou desbaste, situação que é claramente observável nos degraus inferiores e médios do primeiro nível de bancadas. O desmonte dos alicerces dos edifícios dos séculos XVIII/XIX que se sobrepunham às bancadas do teatro, trabalho a que procedemos em 2004, permitiu-nos confirmar esta situação, tendo-se colocado a descoberto outras duas fiadas de assentos ainda talhadas na rocha.
- <sup>11</sup> Dimensão observada no interior do “núcleo da Casa do Guarda” e espessura que se constata na fiada superior de silhares. Obviamente que desconhecemos qual a profundidade dos outros blocos que se encontram subjacentes, os quais, quando colocados transversalmente, possuirão uma maior dimensão.
- <sup>12</sup> Fernandes, L. (2004) - Teatro romano de Lisboa – novos dados construtivos sobre o monumento, *IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, 14-19 Setembro 2004. Faro (comunicação oral).
- <sup>13</sup> Quanto a este aspecto já T. Hauschild havia chamado a atenção, tal como é demonstrado no seu texto de 1990, assim como na planta que apresenta: Hauschild, 1990, p. 385, Beilage 2.
- <sup>14</sup> A favor daquela hipótese já J. Alarcão se havia pronunciado ao referir que “Admitindo que não houvesse terceira fiada de blocos, e que a distância da segunda fiada ao muro da *scaenae frons* seria igual à distância entre a primeira fiada e o *proscenium* [2,30 m, medidos de centro a centro dos pilares] teríamos 5,80 m, aproximadamente, como profundidade do *pulpitum*. Com terceira fiada, teríamos quase 12 m. Para um comprimento de cerca de 36 m [como comprimento do *proscenium*], uma profundidade de 5,80 parece-nos mais proporcionada” (Alarcão, 1982, p. 290).
- <sup>15</sup> Aspecto para o qual já o próprio Marco Vitruvíus Polião havia chamado a atenção ao referir que “... nem todos os teatros poderão corresponder a todas estas regras e efeitos, mas convém que o arquitecto considere quais as proporções que é necessário seguir para atingir a comensurabilidade e como os adaptar à natureza do local ou às dimensões da obra” (Vitruvíus, Livro V, Cap. VI, 7., trad. Maciel, 2006, p. 190).
- <sup>16</sup> No levantamento referido o autor indica um prolongamento das estruturas do teatro até ao limite Oeste do n.º 7 da Rua de S. Mamede ao Caldas. A alteração de orientação que se observa no n.º 5, no que respeita alinhamento das fachadas pode, não obstante, indiciar alguma preexistência que modifique esta suposição.
- <sup>17</sup> Em Portugal apenas em Alcácer do Sal se verifica que tal não acontece, sendo a forma 4 de Aguarod a mais representada. Contudo, parece-nos que esses dados deverão ser encarados de forma cautelosa uma vez que se trata de materiais recolhidos fora de contexto, sendo o conjunto composto apenas por três fragmentos (Sepúlveda et al., 2003).
- <sup>18</sup> Segundo classificação de Aguarod (1991), com a qual concordamos.
- <sup>19</sup> Segundo classificação de Sepúlveda et al. (2003), com a qual concordamos.
- <sup>20</sup> Atestada esta pela inscrição existente no *frons pulpiti* do muro do *proscenium* (Silva, 1944, p. 172).
- <sup>21</sup> A análise deste conjunto de cerâmicas finas de época romana (*terra sigillata*, lucernas e paredes finas), como referido anteriormente, encontra-se em estudo por um dos signatários (L. F.) e por Eurico Sepúlveda. Não poderíamos deixar de agradecer vivamente a este investigador a leitura atenta do presente texto.
- <sup>22</sup> A análise deste espólio, à qual já aludimos, permitirá esclarecer a cronologia de algumas estruturas que, eventualmente, poderão ainda pertencer a contextos anteriores à época romana.



## BIBLIOGRAFIA

- AGUAROD OTAL, C. (1991) - *Cerámica romana importada de cocina en la Tarraconense*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”.
- AGUAROD OTAL, C. (1995) - La cerámica común de producción local, regional y importada. Estado de la cuestión en el Valle del Ebro. In *Cerámica comuna romana d'època alto-imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió*. Empúries: Museu d'Arqueologia de Catalunya, p. 129-153.
- ALARCÃO, A. M. (1975a) - Céramiques à engobe rouge non grésé. In *A propos des céramiques de Conímbriga. Conímbriga*. Coimbra. 14, p. 13-25.
- ALARCÃO, A. M. (1975b) - Céramiques à engobe rouge non grésé. In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R. - *Fouilles de Conímbriga. VI. Céramiques diverses et verres*. Paris: De Boccard, p. 51-58.
- ALARCÃO, J. (1982) - O teatro romano de Lisboa. In *Actas del Simposio El teatro en la Hispania Romana*. Badajoz: Institución Cultural Pedro de Valencia, p. 287-301.
- ALMEIDA, F. de (1966) - Notícias sobre o teatro de Nero, em Lisboa. *Lucerna*. Lisboa. 5, p. 561-571.
- ARRUDA, A; VIEGAS, C. (2002) - As cerâmicas de “engobe vermelho pompeiano” da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 221-238.
- AZEVEDO, L. (1815) - *Dissertação crítico-filosófica-histórica sobre o verdadeiro anno, manifestas causas e atendíveis circunstâncias da erecção do tablado e orquestra do theatro romano descoberto na escavação da rua de S. Mamede, perto do castello desta cidade, com a intelligência da sua inscrição em honra de Nero e noticia instrutiva d'outras memórias alli achadas e até agora apparecidas*. Lisboa.
- CAEIRO, J. O. (1978) - Observações sobre a cerâmica comum romana do século III proveniente da “Cidade das Rosas” Serpa. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. 1, p. 249-271.
- CARVALHO, P. C. (1998) - *O forum de Aeminium*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- CORZO SÁNCHEZ, R. (1993) - El teatro romano de Cádiz. In *Cuadernos de Arquitectura Romana. Teatros Romanos de Hispania*. Murcia. 2, p. 133-140.
- CREMA, L., (1957) - *La tecnica edilizia romana*. Roma.
- DE MAN, A. (2006) - *Conímbriga - Do Baixo Império à Idade Média*. Lisboa: Ed. Sílabo.
- DELGADO, M. (1994) - Notícia sobre cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável encontradas em Braga. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. Série II. 10-11, p. 113-149.
- DIAS, L. T. (1997) - *Tongobriga*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- DIOGO, A. (1993) - O teatro romano de Lisboa. Notícia sobre as actuais escavações. In *Teatros Romanos de Hispania. Cuadernos de Arquitectura Romana*. Murcia. 2, p. 217-224.
- DIOGO, A.; SEPÚLVEDA, E. (2000) - As lucernas das escavações de 1989/93 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, p. 153-161.
- FERNANDES, L. (1993) - Teatro romano de Lisboa: novos elementos sobre a sua história no período medieval. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. 1, p. 239-242.
- FERNANDES, L. (1997) - *Capitéis romanos da Lusitânia ocidental*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 4 volumes. Lisboa. Policopiado.
- FERNANDES, L. (2001) - Capitéis do teatro romano de Lisboa. *Anas*. Mérida. 14. p. 29-46.
- FERNANDES, L. (2006) - O teatro de Lisboa. Intervenção arqueológica de 2001. In MÁRQUEZ, C.; VENTURA, Á., eds. - *Jornadas sobre teatros romanos en Hispania. Actas del Congreso Internacional celebrado en Córdoba, 12 a 15 de noviembre de 2002*. Córdoba: Seminario de Arqueología, p. 181-204.
- FERNANDES, L.; SALES, P. (2005) - Projecto teatro romano, Lisboa: a reconstituição virtual. *Arquitectura e Vida*. Lisboa. 57, p. 28-32.
- GOUDINEAU, C. (1970) - Note sur la céramique à engobe interne rouge-pompéien (Pompejanisch-roten Platten). *Mélanges de l'École Française de Rome*. Roma. 82, p. 159-86.
- GRANGER, F., ed. (1995) - *Vitruvius on Architecture - Books I-V*. Edinburgh: Loeb Classical Library, Harvard University Press.
- HAUSCHILD, T. (1990) - Das römische Theater von Lissabon. Planaufnahme 1985-88. *Madriider Mitteilungen*. Mainz. 31, p. 348-392.
- HAUSCHILD, T. (1994) - O Teatro Romano de Lisboa. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 64-66.
- LEITE, A. C.; PEREIRA, P. (1994) - Prospecto e planta das ruínas do teatro romano de Lisboa. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 208-209.
- MACIEL, M. J., ed. (2006) - *Vitruvius, Tratado de Arquitectura. Vitruvii Decem Libri*. Lisboa: Instituto Superior Técnico.
- MANASSE, G. (1973) - Ceramica a vernice rossa interna. In FORVA, A., ed. - *Scavi di Luni*. Roma: L'Erma di Bretschneider, p. 278-281.

- MARTÍN-BUENO, M.; NÚÑEZ MARCÉN, J. (1993) - El teatro del Municipium Augusta Bilbilis. In *Teatros Romanos de Hispânia. Cuadernos de Arquitectura Romana*. Murcia. 2, p. 119-132.
- MOITA, I. (1970) - O teatro romano de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa. 124-125, p. 7-37.
- Munsell Soil Color Charts* (1988). New Windsor: GretagMacbeth.
- NEVES, J. C. (1972) - Uma colecção particular de materiais romanos de Aramenha. *Conimbriga*. Coimbra. 11, p. 5-29.
- NOLEN, J. U. S. (1985) - *Cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo*. Vila Viçosa: Fundação da Casa de Bragança.
- NOLEN, J. U. S. (1994) - *Cerâmicas e vidros de Torres d'Ares - Balsa*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- PEACOCK, D. P. S. (1977) - Pompeian red ware. In *Pottery and early commerce: characterization and trade in Roman and later ceramics*. London; New York: Academic Press, p. 147-162.
- PINTO, I. V. (2003) - *A cerâmica comum das villae romaas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada.
- RAMALLO ASENSIO, S.; MARTÍN MORO, P.; RUIZ VALDERAS, E. (1993) - Teatro romano de Cartagena: una aproximación preliminar. In *Teatros Romanos de Hispania. Cuadernos de Arquitectura Romana*. Murcia. 2, p. 51-92.
- SÁNCHEZ, M. A. (1995) - Producciones importadas en la vajilla culinaria romana del Bajo Guadalquivir. In *Cerámica comuna romana d'època alto-imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió*. Empuries: Museu d'Arqueologia de Catalunya, p. 251-279.
- SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, E.; FARIA, J.; FERREIRA, M. (2003) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 3: paredes finas, pasta depurada, engobe vermelho pompeiano e lucernas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 383-399.
- SILVA, A. (1944) - *Epigrafia de Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal.
- VEGAS, M. (1973) - *Cerámica comuna romana del Mediterráneo occidental*. Barcelona: Universidad.
- VIEGAS, J.; NOLEN, J.; DIAS, L. F. (1981) - A necrópole de Santo André. *Conimbriga*. Coimbra. 20, p. 5-180.
- WYNIA, S. L. (1979) - Topfersignaturen ant Pompejanischrot en platten: quantité negligeeable?. *Berichten van de Rijksdienst voor het Oudheidkundig Bodemonderzoek*. Amersfoort. 29, p. 425-432.

